# Georg Lukács e Georges Sorel *

*MICHAEL LÖWY* **

Nos seus escritos dos anos trinta e quarenta, Lukács se refere várias vezes a Georges Sorel como um "romântico anticapitalista"; isto é, um crítico da sociedade burguesa inspirado por valores sociais ou culturais do passado. Essa definição é muito pertinente; mas é preciso acrescentar imediatamente que ela pode ser aplicada igualmente ao jovem Lukács dos anos 1908-1924. Na realidade, o romantismo anticapitalista é a chave que orienta as relações entre Lukács e o pensamento de Sorel. Ele é, aliás, a motivação principal da atração apaixonada por Sorel entre tantos pensadores que - como Benjamin, Korsch, Gramsci e Mariategui - procuraram reinterpretar o marxismo numa perspectiva romântico-revolucionária em ruptura com a doutrina evolucionista, positivista e materialista vulgar da II e da m Internacionais.

É em tomo de 1910, no momento em que ele publica *A alma e as formas* - expressão de uma visão trágica do mundo que recusa radicalmente a sociedade burguesa -, que o jovem Lukács começa a se interessar por Sorel. Num caderno de anotações inédito que se encontra nos arquivos de Lukács de Budapeste (e que provavelmente é de 1910-1911), encontramos uma bibliografia de escritos anarco-sindicalistas franceses (Lagardelle, Berth, Poget) que inclui várias referências a escritos de Sorel: "Le sindicalisme est-il religieux?" (O socialismo é religioso?) em *Le mouvemente socialiste,* de novembro de 1906, "Les intellectuels à Athenes" (Os intelectuais em Atenas), em *Le mouvement socialiste,* de setembro de 1908, *"Burgrlichkeit und Demokratie",* em *Le mouvement socialiste*, de dezembro de 1908 (1). Em que contexto se situa este interesse? O título da bibliografia é “Demokratie”: pro-

*
Tradução de Michele Saes.

*Michael Löwy é pesquisador junto ao CNRS, Paris, França. Tem vários livros e artigos publicados no Brasil. Um de seus últimos trabalhos, em co-autoria com R. Sayre, é *Revolta* e *melancolia.* O *romantismo na contramão da modernidade,* Petrópolis, Vozes/ 1995. É membro do conselho de colaboradores internacionais de *Crítica marxista.*

1. Caderno 1, Lukács-Archiv, Budapeste. O título exato do primeiro artigo de Sorel é "O caráter religioso do socialismo".

vavelmente Lukács vê em Sorel antes de mais nada um crítico revolucionário da democracia parlamentar. Mas é também possível que ele encontre em Sorel um eco à sua aspiração romântica a um socialismo religioso. Num ensaio de 1910, Lukács escreveu: "A única esperança poderia estar no proletariado (...) [mas] parece que o socialismo não tem o poder religioso capaz de preencher integralmente a alma; um poder que caracteriza o cristianismo primitivo (2)".

Por volta de 1915, Lukács redige um conjunto de anotações sobre (ou a propósito de) Dostoievski; na preparação de um livro do qual *Teoria do romance* deveria ser a introdução. Nesse manuscrito se encontra também uma referência a Sorel, desta vez em relação direta com a temática anarquista: "*O Estado*, Sorel: nenhuma correção é possível enquanto este poder não se vê limitado a exercer um papel apenas secundário nas relações sociais (3)". O pensamento político de Lukács se caracteriza, nessa época, por um anti-estatismo radical, que se manifesta com ferocidade e com uma ironia picante em vários trechos desse manuscrito: "O vitorioso tem razão. O Estado, tal como tuberculose organizada *(organisierte tuberkulose);* se os micróbios da peste se organizassem, eles constituiriam um reino mundial (4)". Reflexões similares se encontram na correspondência entre Lukács e Paul Ernst: em duas cartas a seu amigo, de 14 de abril e de 4 de maio de 1915, Lukács protesta contra a metafísica hegeliana do Estado: é verdade, reconhece ele, que o Estado é uma potência, "mas o terremoto e uma epidemia também o são". Num excelente estudo sobre o romantismo anti-capitalista no jovem Lukács, Ferenc Feher observa que as anotações sobre Dostoievski manifestam ao mesmo tempo "uma vivência apocalíptica, a nostalgia da Parúsia e a demanda de uma abolição imediata do Estado (5,6)". A dimensão apocalíptica e a recusa do Estado são dois aspectos do universo espiritual do jovem Lukács onde a convergência com Sorel é a mais direta.

2. G. Lukács, "Esztetikai Kultura", 1910, *Miveszet es tarsadalom* (Arte e sociedade), Budapeste, Gondolat, 1969, p. 77.

3. G. Lukács, *Dostojewiski Notizen*, n'<>5& (manuscrito decifrado e ordenado por Fercnc Feher), luk:tcsArchiv, Budapest.

4. G. Lukács, *Dostojewiski Notizen*, nº 137.

5. G. Lukács, *Correspondence de jeunesse*. Budapeste, Corvina, 1981, pp. 254-255 e 258.

&. F. Feher, "Am Aschedeweg des romatischen Anti-Kapitalismus, Typologie und Deitrag zur deutschen Ideologiengeschichte gelegentlich des briefwechsels zwischen Paul Ernst un Georg Lukács ", *dei Decle und* das *Leben Studien* zum f*rühren Lukács*, Frankfurt, Suhrkamp, 1977, p.319.

No entanto, até este momento, o interesse do filósofo húngaro pela obra de Sorel parece ainda limitado; é a partir de 1916, isto é, após seu retorno à Hungria (depois de uma estadia de vários anos em Heidelberg) que ele vai realmente "descobrir" o filósofo do sindicalismo revolucionário francês. Sem dúvida, a influência determinante para essa descoberta foi o socialista húngaro Ervin Szabo.

Szabo é um pensador profundamente original que tentou, em vão, criar uma corrente sindicalista revolucionária no movimento operário húngaro. De acordo com Llona Duczynska, de quem ele era muito próximo em 1917-1918, "suas raízes se encontram na ética do *Narodnitchestvo,* altamente revolucionária e de modo nenhum oposta à violência. Profundamente oposta ao estatismo e à burocracia (7)". Em 1904, Szabo viaja para Paris e conhece os redatores do *Le mouvemenl socialisle,* em particular Hubert Lagardelle, com quem ele manterá correspondência durante vários anos. Também troca cartas, mas de um modo mais episódico, com Georges Sorel, Pierre Monatte e Paul Delesalle e estuda de perto os seus escritos e publica artigos em *Le mouvement socialiste.* Em 1908, ele visita novamente Paris e, em março de 1912, organiza algumas conferências de Lagardelle na Sociedade das Ciências Sociais de Budapeste. Sem se ligar plenamente à doutrina dos sindicalistas franceses, Szabo a utilizava na sua luta contra o parlamentarismo reformista c a política rotineira e burocrática dos dirigentes social-democratas húngaros. O que o atrai em Sorel é provavelmente sua ideologia da moral revolucionária, ascética, nobre e heróica, radicalmente oposta ao hedonismo capitalista, ao materialismo grosseiro da burguesia. Todas as suas diversas tentativas de criação de uma tendência sindicalista dentro do partido social-democrata e dos sindicatos, ou em aliança com pequenos grupos anarquistas, falharam. Todavia, nos últimos anos de vida, perto do fim da Primeira Guerra Mundial, ele começa a exercer uma influência crescente sobre vários círculos intelectuais que iriam fornecer quadros para a fundação do partido comunista húngaro (fim de 1918): o círculo Galileu (Llona Duczynska, Otto Kervin, Joseph Lengyel, Joseph Revai) e a Escola livre das ciências do espírito (Georg Lukács, Bela Balázs, Bela Fogarasi, Eugen Varga). Joseph Ravai, que era nessa época um amigo próximo de Lukács, descreve num trabalho escrito várias décadas mais tarde o entusiasmo dessa geração de jovens intelectuais pelo sindicalismo revolucionário de Ervin Szabo: "uma doutrina (...) que não tinha sido de modo algum manchada pelas traições da guerra, mas à qual, bem ao contrário, o trabalho antimilitarista tinha conferido um prestígio particular e que a crítica impiedosa da social-democracia tornava singularmente atraente;

7. Carta de Llona Duczynska ao autor, 3.4.1974.

essa doutrina, portanto, adquiriu de repente uma influência desmedida, e isso sobretudo entre os intelectuais socialistas que, andando às cegas na confusão dos anos 1917-1918 (...), procuravam uma bússola, uma força diretora, uma doutrina."

A partir de 1916-1917, Lukács será um desses numerosos intelectuais críticos fascinados por Szabo. Num texto retrospectivo publicado em 1933, ele admitiu que, nessa época, os escritos sindicalistas de Szabo marcaram com uma forte tendência "abstrata-subjetivista e portanto moralizante" *(eine starke abstrakt-subjektivistische undarum ethisierende)* sua reflexão filosófica sobre a história. Ele voltará a essa questão em numerosos escritos autobiográficos durante os dez últimos anos da sua vida, descrevendo as suas ligações, não somente com Szabo, mas com o sindicalismo revolucionário em geral, e com Georges Sorel, em particular. Na realidade, nesse momento de sua evolução política, o "sindicalismo radical francês" era a única teoria socialista que o interessava. Por que essa preferência? "Nunca consegui me acostumar à ideologia social-democrata da época e sobretudo a Kautski. Ter conhecido Georges Sorel por intermédio de Ervin Szabo me ajudou a reunir as influências combinadas de Hegel, de Ady e de Dostoievski num todo orgânico, e sob a forma de uma certa visão do mundo, que eu então considerava revolucionária (...)". Isso não é totalmente exato pois, como já vimos, ele 'já conhecia alguns escritos de Sorel desde 1910. Mas é provável que, sob o impulso de Szabo, ele estabeleça uma relação muito mais profunda e significativa com a doutrina soreliana. Em todo o caso, ele precisa que "foi neste momento da minha evolução [isto é, em torno de 1917] que o anarco-sindicalismo francês me influenciou consideravelmente". Num outro testemunho (o prefácio de 1967 à re-edição de *História e consciência de classe),* ele se refere à sua "relação espiritual" com a filosofia de Georges Sorel; mas menciona também neste mesmo contexto os escritos de Rosa Luxemburgo: a partir destes diferentes elementos ter-se-ia constituído "um amálgama internamente contraditório", característica do seu pensamento nessa época.

É preciso dizer que as lembranças de Lukács não primam sempre pela precisão: por exemplo, no prefácio de 1962 à reedição da *Teoria do romance* (1916), ele escreveu que, no momento da redação deste, ele "era essencialmente influenciado por Sorel. Isso explica que na *Teoria do romance,* o presente não seja definido em termos hegelianos, mas por uma fórmula tomada de empréstimo a Fichte, como 'a era da perfeita culpabilidade"'. Ora essa observação contradiz as afirmações anteriores sobre

a descoberta de Sorel, após sua volta à Hungria e o encontro com Szabo, já que a *Teoria do romance* foi escrita enquanto ele ainda estava em Heidelberg, em 1914-1915. Entretanto, a referência a Fichte (e, em outros textos rememorativos, a Kirkegaard) é muito significativa. É a filosofia ética do *sollen* oposto ao *sein*, a postura intransigente do "ou isso ou aquilo", a recusa dos compromissos e das soluções "realistas", o *Kulturpessimismus* de coloração romântica que tornaram o jovem Lukács sensível à temática soreliana à medida que - sob a influência da guerra mundial e da Revolução de 1917 - ele se politiza.

Dentre os (raros) textos de Lukács de 1917-1918, aquele que manifesta de modo mais denso a influência de Sorel é a conferência que ele pronunciou no início de 1918 na Sociedade científico-social de Budapeste. Entitulada "Idealismo conservador e idealismo progressista", ela testemunha a radicalização político-filosófica do jovem Lukács. Nesse texto, não é feita menção a Sorel, mas se fala de uma *ação direta ética* que tende, "desprezando o desvio da política e das instituições, à transformação da alma dos homens". É evidente que o termo *action directe* - em francês no texto húngaro – é uma referência à doutrina sindicalista, mesmo se ele se encontra transposto para o terreno moral. O tema principal da conferência é a necessidade de *subordinar* o político à ética, idéia soreliana por excelência. De acordo com Lukács, "do ponto de vista do idealismo ético, nenhuma instituição (da propriedade à nação e ao Estado) pode ter um valor próprio", mas somente na medida em que ela serve à transformação ética do homem. Desde que uma instituição se torna um fim em si, ela recai do plano da autenticidade para a *platitude* conservadora. Isso explica não só a política reacionária da Igreja, mas também' a estagnação de movimentos que foram na origem bastante progressistas: "a história do Socialismo alemão, já antes da guerra, é um exemplo tristemente edificante (8)". Sem dúvida, este texto se relaciona primeiramente com o idealismo alemão (sobretudo com Fichte), mas o parentesco com a ética revolucionária de Sorel e com sua crítica da social-democracia é inegável.

A meu ver, o que a filosofia de Lukács deve a Sorel em 1917-1918 é, antes de qualquer orientação política precisa, uma certa *stimmung*, uma certa atmosfera espiritual feita de romantismo anti-capitalista e de rejeição ao liberalismo burguês, rigorismo ético e visão apocalíptica do futuro. Do ponto de vista propriamente político, o que ele extrai do pensamento francês é menos o culto da violência que o desprezo ao parlamentarismo, à política

8. Publicamos este texto corno anexo ao nosso livro: *Pour* une *sociologie des intellectuels révolucionnaires. L'evolution politique* de *Lukács 1909-1929*, Paris, PUF, 1976, pp.301-307.

institucional e ao reformismo social-democrata, bem como uma aspiração revolucionária carregada de idealismo social.

Ao contrário do que se poderia crer, esses elementos não vão desaparecer com a adesão de Lukács ao partido comunista húngaro em dezembro de 1918. Como ele sublinha no prefácio a *História e consciência de classe*, "o amálgama contradit6rio" entre o marxismo e o sorelismo caracterizou o seu pensamento político não s6 durante a guerra como também nos anos seguintes (9). De fato, um certo *clima* Szabo-Sorel continua a se manifestar nos primeiros escritos comunistas de Lukács durante os anos 1919-1920, mesmo se ele se distancia do sindicalismo revolucionário. Essa observação vale principalmente para o artigo "Partido e classe", de abril de 1919, que celebra a unificação dos comunistas e dos socialistas. Reivindicando-se das teses de Szabo sobre a contradição insolúvel entre a classe e o partido, ele caracteriza a forma "partido" como uma *estrutura transitória*, destinada a ser ultrapassada pela unidade do proletariado como classe. O pacto unitário de março de 1919 significa ao seu ver que "a justificação para a existência dos partidos comunistas e socialistas acabou (...) os partidos deixam de existir - agora há um proletariado unificado (10)". Numa autocrítica de 1920, ele atribui essa posição à "coexistência pacífica entre as teorias de Lenin e Ervin Szabo" no pensamento dos comunistas, à época da República Húngara dos Conselhos (11).

Vários outros escritos de Lukács durante esse período manifestam uma afinidade com os temas sorelianos: por exemplo, um eco da "moral dos produtores" é evidente no artigo sobre "o papel da moral na produção comunista". Entretanto, desde 1919, ele começa também a criticar o sindicalismo revolucionário e, implicitamente, Sorel. No ensaio de março de 1919, "O que é o marxismo ortodoxo?" (do qual uma versão bastante modificada figura em *História e consciência de classe)* ele sustenta a oposição dos sindicatos às instituições da sociedade burguesa (como o parlamentarismo); mas pensa que aqueles são incapazes de lhes opor algo mais que "o impulso revolucionário, abstrato da classe operária sem objetivo concreto". O movimento operário e a greve geral "tornam-se ao seus olhos um fim em si, um componente da mitologia" – referência transparente a

9. G.Lukács, “Verwort”, artigo citado, p. 12.

10. G. Lukács, “Partei und Klasse”, 1919, *Frühschriften,* II (Geschiche uns Klassen-bewusstsein), Berlim, Luchterhand, 1968, pp.71 , 76-77.

11. G. Lukács, “Selbstkritik, 1920, *Revolulion und Gegenrevolution, Politische Aufsätze,* II, Neuwied, Luchterhand, 1976, p.46.

Sorel. Numa nota de rodapé, Lukács acrescenta, para "os que se interessam por questões filosóficas", a seguinte observação, bastante característica de seu enfoque teórico global: "O sindicalismo se relaciona com o verdadeiro marxismo da mesma maneira que Hegel, bem assimilado, relaciona-se com o filósofo do sindicalismo, com Bérgson (12, 13)".

Isso nos permite arriscar a seguinte hipótese: à medida que o fichteanismo moralista cede lugar à dialética hegeliana, a ideologia revolucionária de Lukács se afasta de Sorel e do sindicalismo revolucionário, para se aproximar do marxismo (e do leninismo).

Em suma, durante os anos de 1919-1920, o rigorismo ético está longe de ter desaparecido da sua filosofia política, e ele se manifesta também em suas análises do anarco-sindicalismo. Num artigo de 1920 significativamente intitulado "A missão moral do partido comunista", ele descreve esta corrente como uma "tendência autenticamente revolucionária mas não claramente consciente do movimento operário", cujo poder de atração reside na *"rejeição ética* dos antigos partidos (14)".

Esse tema é desenvolvido, de maneira mais crítica, no artigo "A crise do sindicalismo na Itália" (no qual Sorel não é mencionado): o sindicalismo revolucionário leva o movimento operário a um impasse, já que ele só apreende o confronto de classe no nível da fábrica e já que sua "rejeição" justificada do oportunismo parlamentarista é acompanhada da recusa de qualquer atividade política. Entretanto, o sindicalismo só poderá ser ultrapassado por um partido político que seja "mais revolucionário que os sindicalistas mais extremistas"; isto é, um partido que tenha "eliminado todo vestígio de oportunismo das suas próprias fileiras", o que, segundo Lukács, não é o caso do partido socialista italiano (apesar da sua adesão à III Internacional (15).

Como já salientamos anteriormente, de todos os aspectos "políticos" da doutrina sindicalista revolucionária, aquele que parece ter tido a influência mais durável sobre Lukács é o antiparlamentarismo. Em 1920; ele publica um artigo" Sobre a questão do parlamentarismo" que considera, sem rejeitar to-

12. G. Lukács, "Die rolle der moral in der kommunistischen production", 1919, *Taktik und ethik, Polilische Afsätze,* I, Neuwied, Luchterhand, 1975, pp.158-164.

13. G. Lukács, *Taktik IInd Ethik,* p. 69.

14. G. Lukács, Die moralische sandung der Kommunistischen Partei", *Taktik und Ethik,* p. 223.

15. G. Lukács, "Die krise des syndikalismus in Italien", 1920, *Revolution und gepenrevolution,pp.139*--140 e V.I.Lenin, "Kommunismus", 1920, *Oeuvres,* vol. 31, Moscou, pp. 167-168.

totalmente a participação nas eleições parlamentares, que elas tendem sempre a obscurecer a consciência de classe e levam a concepções oportunistas (para ganhar votos); posição que lhe valerá uma forte reprimenda pessoal de Lenin: "O artigo do camarada G. L. é muito esquerdista e muito ruim(16)".

Impressionado pela crítica e pela brochura de Lenin contra a "doença infantil", Lukács se bolchevizará progressivamente durante os anos 1921 1922, enquanto que a referência ao anarco-sindicalismo tende a desaparecer dos seus escritos. Por exemplo, em *História e consciência de classe,* só é abordada de passagem a "esterilidade que caracteriza o uso exclusivo da 'ação direta' antiparlamentar(17)".

Durante uns dez anos, o sorelismo parece ter desaparecido do horizonte intelectual de Lukács. Ele só vai reaparecer em 1933; mas dessa vez *num contexto filosófico e político totalmente diferente.* Enquanto que Sorel representa para Lukács, durante os anos 1917-1923, a grandeza e os limites do sindicalismo revolucionário como crítica eticamente justificada da democracia burguesa, do parlamentarismo e do oportunismo social-democrático, ele é encarado, a partir de 1933, sobretudo como um dos ideólogos irracionalistas que teriam preparado o terreno para o fascismo...

Essa surpreendente mudança de perspectiva corresponde a uma reviravolta geral no itinerário espiritual de Lukács: *o rompimento com o romantismo anticapitalista* (paralelamente à sua "reconciliação" com a União Soviética de Stalin). Essa guinada se esboça logo no início dos anos 30, mas alcança um novo patamar a partir de 1933. Para explicar essa reviravolta é necessário levar em conta a irrupção do nazismo na Alemanha, o que provoca em Lukács um verdadeiro trauma político e filosófico. A partir deste momento, ele está profundamente convencido de que a cultura romântica anticapitalista - que havia no entanto alimentado sua revolta juvenil contra a sociedade burguesa - preparou o terreno para o fascismo ao desenvolver idéias irracionais, elitistas, antidemocráticas, míticas. Este tema será amplamente desenvolvido em *A destruição da razão* (1953); mas nós o encontramos num grande número dos seus escritos dos anos trinta, quarenta e cinqüenta. Sua primeira versão é um grande manuscrito redigido em 1933 (que ele não chegará a publicar), intitulado *Como se constituiu a filosofia fascista na Alemanha?* Nesse texto, Sorel é brevemente abordado dentro do capítulo" a *Kulturkritik* da época imperialista anterior à guerra": ele é citado,

16. G. Lukács "Zur Frage des Parlementarismus", 1920, *Taklik und ethik,* pp.180-184, c V.I. Lenin, "Kommunismus", 1920, *Oeuvres,* vol. 31, Moscou, pp.167-168.

17. G. Lukâcs, *Histoire et conscience de classe,* Paris, Minuit, 1960, p.303.

junto com Pareto e Robert Michels, como um dos críticos do parlamentarismo e da democracia burguesa que exerceram uma influência nociva na Alemanha(18).

Em vários escritos filosóficos ou literários surgidos entre 1933 e 1953, Sorel é classificado, às vezes junto com Pareto, como um elo intermediário da corrente filosófico-politica que vai de Nietzche (ou Bergson) ao fascismo: Lukács não hesita em falar da "conexão espiritual *(geistiger Verbidung)* Bergson-Sorel-Mussolini", mesmo admitindo que Sorel nunca se tornou um fascista. Ele define o ideólogo do sindicalismo francês como um romântico anticapitalista e um irracionalista, que combina de modo particularmente sutil e complexa idéias progressistas e reacionárias, uma crítica justificada dos limites da democracia burguesa e uma rejeição elitista de toda democracia. Sua doutrina é comparada, o que parece bastante curioso, com a obra de certos escritores que também representam esta dupla orientação: Bernard Shaw, Romain Rolland, Anatole France(19).

Lukács não nega que Sorel seja um pensador socialista; mas encara sua visão de mundo como uma crítica irracionalista do progresso, que leva à "ruptura fatal entre socialismo e democracia(20)". A análise mais dura se encontra na *Destruição da razão:* Sorel seria um representante típico da "rebelião pequeno-burguesa" e da crítica romântico-reacionária da democracia. Certas observações de Lukács parecem voltar às dos anos 1919-1920; por exemplo, quando ele escreve que a teoria soreliana de uma revolução "puramente" proletária ou seu mito da greve geral não passam de uma negação abstrata da burguesia, sem conteúdo concreto. Mas outros ataques exprimem sua nova visão sobre o papel nefasto da *Kulturkritik* neo-romântica: "O mito de Sorel é tão exclusivamente emocional, tão vazio de conteúdo, que ele conseguiu se revigorar sem dificuldade no mito demagógico do fascismo(21)".

O mínimo que se pode dizer sobre essa interpretação é que ela é unilateral demais para dar conta da riqueza e do verdadeiro significado cultu-

18. G. Lukács, *Wie est die faschistische Philosophie in Deutschland Entstanden?* 1933, Budapeste, Veröffentlichungen des Lukács-Arquiv, Hrsg.von Laszlo Sziklai, Akademia Kiade, 1980, p. 89.

19. Ver, por exemplo; C. Lukács, "Grösse und Verfall des Expressionismus, 1934, *Probleme des realismus,* Berlim, Aufbau Verlag, 1955; *The historical noval,* 1937, Harmonsworth, Penguin Books, 1969, p. 305-306, 391-392; *die Zestörung der Vernunft,* Berlin Aufbau, Benlag, 1955, pp. 27-29, 56.

20. G. Lukács, "Aristokratische und demokratische Weltanschauung", 1948, *Schriften zur Ideologie und Polilik,* Neuwied, Luchterhand, 1967, p.421. De qualquer modo, é espantoso que Lukács veja em Sorel, e não no stalinismo, a fonte dessa ruptura "fatal" ...

21. G. Lukács, *die* Zestörung *der Vernunft,* op. cit., pp. 27-29, 56.

ral e político de uma obra como a de Sorel(22). Mas a mesma observação vale para o conjunto da abordagem de Lukács (nessa época) ao romantismo anticapitalista, que só parece constituir a seu ver, de Schelling até Nietzche, e de Kierkegaard até Max Weber, uma vasta preparação para a aparição do irracionalismo nazista(23).

Durante os últimos anos de sua vida, Lukács parece voltar a uma avaliação mais equitativa de Sorel, especialmente nos textos autobiográficos acima mencionados, que descrevem sua dívida espiritual e política para com o filósofo do sindicalismo revolucionário. Um dos mais interessantes testemunhos é uma tentativa de balanço, mais objetivo e mais nuançado, de sua relação com Sorel, que se encontra numa carta ao diretor da biblioteca Ervin Szabo de Budapeste. Analisando sua evolução política durante os anos 1917-1918, Lukács escreve:

> Tentei ler os teóricos social-democratas contemporâneos, mas Kautski me passou uma impressão repugnante; e, neste momento, nem Plekhânov nem Mehring me inspiravam. Ervin Szabo, a quem pedi conselhos para outras leituras relacionadas a essa problemática, recomendou-me os sindicalistas franceses. Entre eles, ele mencionou também Sorel, é claro que com uma cel1a reserva cética. Mas foi ele precisamente (Sorel) que exerceu sobre minha evolução espiritual a mais forte influência. Positiva de um lado, na medida em que reforçou minha recusa a toda interpretação revi sionista e oportunista da teoria marxista; negativa de outro lado, na medida em que uma concepção de partido que mistificava a pura e direta luta de classes se tornou dominante na minha perspectiva teórica(24).

A menos que se considere, contrariamente ao velho Lukács, que a concepção mais mistificadora e alienante é antes aquela que substitui a ação da própria classe pelo partido e seu aparelho... Foi talvez graças à influência combinada de Sorel e de Rosa Luxemburgo que Lukács logrou resistir, durante seu primeiro período revolucionário, a essa tentação substitucionista e burocrática.

22 Sobre a questão da pretensa "conexão espiritual" Sorel-Mussolini, remete-se o leitor ao trabalho de Michel Charzat, "Sorel et le fascisme. Eléments d'explication d'une légende tenace", *Clhier Georges Sorel,* I: 1983.

21 Sobre a relação de Lukács com o romantismo cm diferentes momentos de sua evolução intelectual, ver meu livro *Marxisme et romatisme révolutionnaire,* Paris, Sycomore, 1979.

24 Eva Fekete e Eva Karadi, *Georg* Lukács, *sein Leben in Bildem, Selbsfzeugnissen flnd Dokumenten, Budapeste,* Korvina Kiado, 1981. p. 72

LÖWY, Michael. Georg Lukács e Georges Sorel. *Crítica Marxista*, São Paulo, Xamã, v.1, n.4, 1997, p.113-122.

***Palavras-chave:*** Lukács; Sorel; Filosofia Política.